

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

GLÓRIA MORENO DOS SANTOS

**DIFICULDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA  
LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

GLÓRIA MORENO DOS SANTOS



**DIFICULDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA  
LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL.**

Monografia apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina de Metodologia da Pesquisa, do Curso de pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Medianeira - Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Nelson dos Santos

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

MEDIANEIRA

2012



**TERMO DE APROVAÇÃO**  
**DIFICULDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA**  
**LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO**  
**FUNDAMENTAL.**

Por

**GLÓRIA MORENO DOS SANTOS**

Esta monografia foi apresentada às 21 h do dia 30 de Novembro 2012 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Nelson dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientador)

Professora *M.Sc.* Maria Fátima Menegazzo Nicodem.  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Professora *M.Sc.* Janete Santa Maria Ribeiro  
UTFPR – Câmpus Medianeira

*“Não é no silêncio que os homens fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”*

*Paulo Freire*

## DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, à minha mãe, *in memoriam*, que sempre me incentivou a lutar por meus ideais, ao meu filho, Kevin Murilo, razão do meu viver, presente maravilhoso, à minha família que sempre me apoiou, aos colegas, amigos, companheiro de trabalho, enfim, a todos por terem me concedido esta rica oportunidade em vida para ampliar conhecimentos e praticar em sala de aula compartilhando saberes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e persistência de lutar e vencer os obstáculos encontrados no decorrer da vida.

Aos meus pais, *in memoriam*, pela orientação adquirida com eles em vida, pela dedicação durante a vida e incentivo de familiares nessa fase do curso de pós-graduação.

Aos meus irmãos e irmãs, colegas de curso, colegas de trabalho e especialmente ao meu querido filho Kevin Murilo que sempre está comigo me apoiando, me incentivando pelo amor e dedicação que sempre está compartilhando comigo desta vitória.

A meu orientador, professor Nelson dos Santos, que me orientou, pela sua dedicação, sabedoria, disposição e pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela presteza com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos orientaram no decorrer do curso.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta monografia.

## RESUMO

SANTOS, Glória Moreno dos. Dificuldade no Processo de Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. 2012. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pólo s Medianeira, Pólo Nova Londrina. Nova Londrina. 2012

O objetivo do presente trabalho foi investigar quais são as estratégias de ensino e aprendizagem que podem remover ou, pelo menos, amenizar os obstáculos causados pela não compreensão no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem da criança em idade escolar; analisar as possíveis causas de dificuldade no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental com a finalidade de buscar identificar causas e fatores que dificultam a aprendizagem dos alunos durante o processo de alfabetização e evidenciar as estratégias que os professores podem utilizar em sua prática docente, contribuindo com as crianças para que possam evoluir de maneira significativa; analisar criticamente o processo de como acontece o ensino da leitura e da escrita. Fundamentar-se numa proposta construtivista para a realização desta para que a criança tenha sucesso no processo de alfabetização. A pesquisa chegou à conclusão de que toda criança é capaz de aprender e que cada um tem o seu tempo certo, e a escola pode ajudar nessa evolução. É urgente que o educador perceba que existem ritmos de aprendizagem diferentes, que o assunto poderá ser o mesmo, mas cada um irá assimilar de acordo com o seu potencial, pois o saber evolui quando o profissional trabalha a teoria e a prática fundamentada em uma proposta que busca sanar as dificuldades num processo de interação entre saberes tanto do educando como do educador. O educador proporcionando sempre condições de reflexões, propondo um olhar crítico durante a prática educativa e que essa seja constante e que essa busca por mudanças seja um meio de melhorar a realidade educacional. O professor deve perceber a necessidade da turma e, a partir daí, ampliar e aprimorar conhecimentos, realizando um trabalho integrado que contemple as necessidades dos alunos de maneira flexível, fazendo uso da pesquisa constante, da reflexão e da práxis.

Palavras- chave: Leitura, Escrita e Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

SANTOS, Gloria Moreno of. Difficulty in Development Process of Reading and Writing in the early grades of elementary school. 2012. Monograph (Expertise in Education: Teaching Methods and Techniques). Programmed Postgraduate Sensu Latu Federal Technological University of Paraná, Mediatix Polo New London. New Londrina.2012

The objective of this study was to investigate what the teaching and learning strategies that can remove or at least minimize obstacles caused by not understanding the process of development of reading and writing for learning development of children of school age; analyze the possible causes of difficulty in the development of reading and writing in the early grades of elementary school in order to try to identify causes and factors that hinder students' learning during literacy and highlight the strategies that teachers can use in their teaching practice, helping with the children so that they can evolve significantly; critically analyze the process as is the teaching of reading and writing. Founded on a constructivist approach to achieving this for the child to succeed in the literacy process. The research concluded that every child can learn and that each has its own time, and the school can help this evolution. It is urgent that the teacher realizes that there are different rates of learning, that it may be the same, but each will assimilate according to their potential as knowledge evolves when the professional work theory and practice based on a proposal seeks to remedy the difficulties in the process of interaction between the students as much knowledge of the educator. The teacher always providing conditions reflections, suggesting a critical look at the educational practice and that is constant and that this quest for change is a means of improving the educational reality. The teacher should realize the need of the class and, thereafter, to expand and enhance knowledge, performing an integrated work that addresses the needs of students in a flexible manner, making use of the constant research, reflection and praxis.

Keywords: Reading, Writing and Learning.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1	A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA INTERACIONISTA.....	10
2.2	O VALOR SOCIAL DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA.....	14
2.3	PADRÕES EVOLUTIVOS NO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	16
2.4	O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NA PRESPECTIVA CONSTRUTIVA.....	19
2.5	COMO É DEFINIDA A QUESTÃO DA DIFICULDADE DA LEITURA E DA ESCRITA DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM PERPECTIVA CONSTRUTIVISTA.....	25
2.6	CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	32
2.7	ESTRATÉGIAS USADAS PELO PROFESSOR NA PRÁTICA DOCENTE	36
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu da experiência do pesquisador enquanto docente das séries iniciais onde se constatou como é realizado o trabalho com leitura e a escrita, como se dá o processo de aprendizagem e quais as dificuldades que os alunos enfrentam para se posicionarem diante da diversidade textual que lhe é apresentada.

Essas constatações trouxeram preocupações principalmente com a clientela que é atendida em escolas públicas, considerando de fundamental importância a contribuição da formação inicial do leitor e escritor. Alguns estudiosos nessa área apontam possíveis caminhos e dão sugestões de trabalho que podem ajudar os professores na formação de leitores competentes e críticos.

A pesquisa bibliográfica estrutura-se a partir de uma concepção construtivista nas séries iniciais do ensino fundamental e estratégias de ensino aprendizagem que podem remover, ou, pelo menos, minimizar os obstáculos gerados pela não compreensão dos valores sociais da leitura e da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na idade escolar.

Este trabalho teve também, como finalidade, compreender de forma mais aprofundada, quais são os elementos didáticos pedagógicos que interferem na formação de crianças (leitores e escritores) em seu processo de alfabetização e como o papel mediador do professor pode interferir de forma positiva na formação desse leitor.

A pesquisa foi organizada e estruturada buscando entender os problemas levantados sobre a leitura e a escrita. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e os autores que a embasaram, entre outros são: Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Smith, Becker, Soares.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA/INTERACIONISTA

A concepção construtivista interpreta o processo de ensino aprendizagem como um processo social de caráter ativo em que o conhecimento é fruto de construção pessoal do aluno, construção essa mediada pelo professor e outros agentes culturais que fazem parte do contexto desse aluno.

Hoje a alfabetização é vista como um processo de construção de conhecimento, não é simplesmente decodificar o código linguístico escrever e copiar, mas sim a reconstrução do código linguístico onde o educando deverá compreender o funcionamento do código.

Ao estudar as formas pelas quais as crianças constroem sua escrita, Ferreiro (1985) colocou como motor dessa aprendizagem o próprio sujeito, ativo e inteligente,

Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza etc., em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento). Um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.29).

A alfabetização é o primeiro contato com a leitura e a escrita, é um processo educativo, é apropriação da língua escrita que envolve a linguagem. Neste processo através das intervenções realizadas pelo educador faz com que o sujeito constrói suas hipóteses de leitura e escrita avançando em processo de construção para apropriar-se da leitura e da escrita das palavras, mas não somente ler e escrever, como também interpretar o que leu e escreveu.

A autora pretende destaca que:

A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busque a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia. Trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimentos, e são simplesmente de um sujeito disposto ou mal

disposto a adquirir uma técnica particular. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, NOTA PRELIMINAR).

Este método de ensino envolve o ato de ensinar e aprender, pois a criança ao entrar na escola já traz consigo toda uma bagagem construída no seu contexto familiar, social e no relacionamento escolar processo, o aluno continua constantemente construindo conhecimento, ou seja, a alfabetização acontece a todo o momento seja em casa com a família, seja brincando com os colegas, seja na escola, enfim, na convivência do contexto social onde hoje enfatiza a importância de se viver em contato com o mundo letrado e essa resulta na formação de um homem consciente, crítico, e atuante.

Piaget concebe o conhecimento como uma construção contínua do saber. Essa concepção vai além dos modelos que compreendem o conhecimento como algo dado a priori pela hereditariedade ou pelo meio, defendendo a ideia ainda de que, em nenhum momento, o conhecimento está pronto e acabado, mas sempre em construção, graças às interações do indivíduo com o meio físico e social. (NASPOLINI, 1996).

Segundo Piaget (1978, p. 238), é por meio de um processo contínuo de desequilíbrio e de novas e superiores equilíbrios que ocorre a construção progressiva do conhecimento da criança, ou seja, o educador deve ser um agente mediador entre o educando e a sociedade e o educando um agente ativo na construção do seu conhecimento por meio de sua interação com o mundo físico e social e isso deve ocorrer de maneira interdisciplinar e contextualizada, sempre fazendo um intercâmbio entre o sujeito e o objeto.

Em sua concepção alfabetizar conhecer, organizar estruturar e explicar a realidade a partir daquilo que se vivencia nas experiências, com objetivo de construir conhecimentos. O educador espera do educando alfabetizado que ele domine a linguagem falada e escrita, produza textos significativos, compreenda textos orais e escritos, como notícias de jornais, relato organizado por outro educando, que este compare diferentes pontos de vista da sua dimensão social sendo crítico diante dos fatos.

Leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada em que vivemos. São ferramentas para compreensão e realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para a apropriação dos saberes já conquistados pela humanidade. Por meio da

alfabetização, o homem se torna um ser global, simbólico, social, um cidadão inserido na civilização moderna, com o domínio dos símbolos da comunicação humana. (CÓCCO, 1996, p. 9).

Diante disso e tendo em vista algumas modificações culturais, econômicas e sociais que se processaram nas sociedades contemporâneas, desde o final do século XX, faz-se necessário aqui uma discussão sobre o letramento, e ser letrado significa saber ouvir, falar, ler e escrever para usar em situação de participação social. Significa saber interpretar, elaborar conhecimentos novos, desenvolver a capacidade de interpretar textos orais e escritos, levantar os conhecimentos prévios, expressar ideias, pensamentos e sentimentos, utilizando linguagem adequada a cada situação num processo em que a aprendizagem é uma necessidade contínua.

É preciso considerar que a alfabetização e o letramento andam juntos, com presença ativa no processo de alfabetização tendo alguns objetivos a serem alcançados segundo Cocco:

[...] como o desenvolvimento da competência de ler e escrever, ampliando as possibilidades de comunicação e expressão, por meio de variados gêneros orais e escritos e sua participação no uso social e cotidiano, ouvindo pessoas, elaborando e respondendo a perguntas, conhecendo a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivências de diversas situações de uso da linguagem e ainda escutando textos lidos, apreciando a leitura feita pelos outros, escrevendo palavras e textos coerentes e coesos, enfim, usando o conhecimento linguístico para o viver cotidiano de sua comunidade. (CÓCCO, 2000, p. 8 - 9).

Assim, as práticas em sala de aula devem estar orientadas de modo que promova a alfabetização na perspectiva do letramento e, ainda, segundo Soares (2002a), proporcionando a construção de habilidades para o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita. Esse exercício:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio á memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...] (SOARES, 2002a, p. 92).

O desafio que se apresenta nesse contexto histórico é a revisão das práticas pedagógicas, buscando a alfabetização das crianças como exercício da cidadania, contemplando significados que fazem parte do mundo atual.

Nessa perspectiva teórica, a prática escolar, mediada pelo professor, deve empreender e programar um trabalho pedagógico compreendendo que a aprendizagem dos conteúdos curriculares refere-se a conhecimentos externos ao aluno, faz parte do objeto, os quais só serão internalizados, progressivamente, à medida que esse aluno tenha desenvolvimento, ou seja, a estruturação interna, os esquemas assimilativos para atuar sobre o objeto de conhecimento, efetuar operações – coordenações de ações, enquanto fazeres pedagógicos (NEGRÃO, 2005, p. 87).

Assim, é papel do professor criar, inventar e planejar as atividades para seus alunos e sobretudo problematizá-las, para que à medida em que a criança vá construindo seu conhecimento, amplie para aprendizagens mais complexas. Promover a participação ativa do aluno em diferentes experiências para construir um novo conhecimento, considerando o processo cognitivo de cada aluno, é o compromisso que a escola amparada por uma abordagem construtivista deve assumir.

No entanto, é preciso reafirmar que na abordagem didática construtivista a escola não se reduz apenas a um lugar de aprender, mas num local de crescimento, um espaço de experimentar conhecimentos e integrá-los aos conhecimentos já existentes para saber utilizá-los em situações específicas da vida prática. A criança pequena, segundo Piaget (1973, 1974), ainda em estágio inicial do seu desenvolvimento cognitivo, precisa de apoio da ação, do fazer, para desenvolver o seu raciocínio, e também cabe a escola esse apoio.

O encaminhamento metodológico construtivista exige do professor um conhecimento teórico para poder elaborar e utilizar os recursos materiais, o ambiente, as estratégias, as atividades, de modo a explorar os conhecimentos prévios dos alunos e oportunizar a interação do aluno com o conteúdo e, conseqüentemente, a construção de seu conhecimento.

Nenhuma prática pedagógica é neutra, por isso as crianças desde que nascem são construtoras de conhecimentos. No esforço de compreender o mundo que as rodeiam, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam por si próprio descobrir respostas para eles.

A aprendizagem depende em grande medida, de como o processo educativo se organiza em suas diferentes dimensões, ou seja, de condições, ou seja, de condições mais objetivas. Mas as condições mais objetivas têm enormes influências nesse processo: o a curiosidade para aprender, a valorização dos saberes que possuem e os explicam por que, a partir de um mesmo ensino há sempre lugar para construção de diferentes aprendizagens, pois cada aluno é um ser diferente, que pensa diferente e aprende diferente.

Como diz Becker (2000), em sua obra *Epistemologia do professor no processo de desenvolvimento de aprendizagem* este deixa claro “que há alunos que retém o conhecimento pois este possuem mais facilidade, consegue aprender melhor e mais rápido, mas também existe aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo mesmo porque cada um é um e” cada cabeça é uma sentença” ele faz uma observação e diz que aquilo que é claro para quem ensina pode ser totalmente obscuro para quem aprende, ou seja, para o sujeito em aprendizagem”.

## 2.2 O VALOR SOCIAL DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada em que vivemos. São ferramentas para compreensão e realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para apropriação dos saberes já conquistados pela humanidade.

Ler não significa somente compreender o que esta escrita significa também compreender algo sem palavras que se observa e interpreta. A leitura e a escrita tem um valor social fundamental, pois é através da mesma que nós comunicamos com outras pessoas, passando as mensagens desejadas e é um fator enriquecedor e ampliador de conhecimentos do mundo.

Considerando que a função pedagógica implica em quem aprende o que, como, onde e isto é constituído da interação pedagógica. A leitura e a escrita sem função explicitam na escola, perde o sentido, não suscita e até faz desaparecer na criança o desejo de ler e escrever. Muitas professoras esperam que as crianças

cheguem à escola sabendo ler e escrever, mas o problema se evidencia, quando em discurso pedagógico fala-se sempre em “levar e conta a capacidade da criança e aceitar seu ritmo de desenvolvimento”. Assim a prática cotidiana irá variar de acordo com a experiência de cada professor. No entanto a fundamentação básica está em entender que a língua escrita se constitui num objeto de conhecimento construído pela criança, ou seja, para que a criança possa entender é necessário que ela construa seu conhecimento de acordo com suas hipóteses, sendo capaz de evoluir. É a criança que evolui ao resolver os conflitos que enfrenta, mas cabe ao professor atuar e representação da língua, cuja aprendizagem significa a apropriação de um novo objeto de conhecimento e não simplesmente aquisição de técnicas, ou seja, a escrita não é simplesmente uma técnica, mas uma representação do que vemos, observamos, grafamos e vivemos no dia-a-dia.

Como afirma Smith (1971), as crianças aprendem facilmente sobre a língua falada, quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidades de fazer sentido para elas e com isso possam gerar e testar hipótese, ou seja, a partir do momento que ela tem contato, que são envolvidas no uso da leitura e da escrita são capazes de entender e esta fará sentido para ela, nos jogos simbólicos, isto é, nas brincadeiras de faz de conta, muitas crianças imitam papéis vividos pelas pessoas adultas com quem convivem, fazendo de conta que estão lendo ou escrevendo com isso constroem conhecimentos, ou seja, aos quatro anos de idade ao fazer de conta que lia notícia de jornal construía anúncio como: “O gatinho morreu”, por exemplo. Como diz é preciso que a escrita ensinada como uma habilidade motora, como aquisição de uma técnica de registrar sons em letras e não como uma atividade cultural complexa.

O ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem significativas para as crianças. Este deve ser relevante para a vida, deve ter significados para as crianças, deve ser incorporada a uma tarefa necessária e importante para a vida para que se desenvolva como uma forma nova e complexa da linguagem, ou seja, a leitura e a escrita deve fazer parte do cotidiano da criança pois tudo que ela tem contato é possível ler, escrever e produzir.



## 2.3 PADRÕES EVOLUTIVOS NO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Segundo Smith (1971), a criança, durante o período de contato com sinais gráficos passa por estágio de evolução que são caracterizado em quatro níveis: PRÉ-SILÁBICO, SILÁBICO, SIBÍCO-ALFABÉTICO E ALFABÉTICO, ou seja, através de garatujas, rabiscos, letras, números, desenhos, sílabas a criança vai evoluindo e construindo sílabas e palavras e com o passar das etapas produzem textos significativos.

É praticamente impossível falar em alfabetização sem falar em Emília Ferreiro. Pesquisadora argentina radicada no México, essa autora revolucionou o conhecimento que se tinha sobre alfabetização quando publicou em 1979 (no Brasil, em 1986), juntamente com Ana Teberosky, suas pesquisas no livro *Psicogênese da língua escrita*. Encarada por muitos autores e profissionais da educação como uma verdadeira revolução nos conceitos até então existentes sobre alfabetização no Brasil, essa obra é fruto de uma pesquisa feita pela autora com crianças e descreve o processo por meio do qual a escrita se constitui em objeto de conhecimento para a criança.

Antes de Ferreiro, a alfabetização já era muito discutida, mas sempre sob a perspectiva de “como ensinar”. O grande diferencial dessa teoria é que Ferreiro mudou o foco da alfabetização para “como aprender”. Assim, com sua pesquisa, tinha o intuito de descobrir como a criança aprende a escrever, qual mecanismo utiliza até chegar à escrita convencional, tirando da escola o monopólio da alfabetização e voltando o foco dessa prática para o ser que aprende.

Como discípula de Piaget, ao estudar as formas pelas quais as crianças constroem sua escrita, Ferreiro colocou como motor dessa aprendizagem o próprio sujeito, ativo e inteligente, como Piaget descreveu. Desse modo, contrapôs-se ao modelo de alfabetização vigente, mostrando que não existe a necessidade de a criança repetir exercícios mecânicos, uma vez que isso não basta para uma alfabetização plena é preciso considerar que já um movimento interno no sujeito que aprende que o faz refletir sobre o que está construindo. Quando só copia ou quando segue um modelo preestabelecido (como era o caso das práticas de alfabetização), o aluno não reflete e não pode ser considerado ativo.

Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza etc..., em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento). Um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo. (FERREIRO, 1985).

O panorama da alfabetização brasileira se abriu para a ideia de que o aluno precisa pensar e agir para ser alfabetizado. Weiss destaca o momento histórico em que as ideias de Ferreiro foram divulgadas:

Era ideia corrente nos anos 70 que havia pré-requisitos para que alguém pudesse aprender a ler e escrever. Esses pré-requisitos se constituíam em um conjunto de habilidades perceptuais conhecidas como “prontidão para a alfabetização”. Ou seja, as crianças precisavam alcançar uma maturidade, uma “prontidão” (do inglês *readiness*) sem a qual nem valia a pena ensiná-las. Dessa maneira, as escolas aplicavam às crianças um conjunto de exercícios que serviam também para avaliar o desempenho em relação a essas habilidades. (O teste ABC, de Lourenço Filho, importante educador brasileiro, foi um dos percursores). A partir dessas avaliações, a escola podia decidir se o aluno frequentaria uma classe regular ou uma classe especial, onde ficava restrito a esse tipo de exercício. Isso, vemos hoje, significava negar-lhe a autorização de acesso à escrita. Eram as classes de prontidão, onde a escrita e a leitura eram evitadas e as crianças ficavam, às vezes por anos, fazendo exercícios. (WEISZ, 2005, p. 45).

Importante refletir que, nessa época, os exercícios de prontidão definiam a alfabetização como uma mera transmissão de técnicas, existindo uma crença de que isso era o melhor a fazer para ensinar crianças ler e a escrever. Essa prática baseada na repetição de exercícios, via de regra, levava a uma alfabetização da decodificação, não necessariamente do entendimento. A criança lia, mas não entendia e apresentava dificuldades para escrever (VALLE, 2007, p.44).

A proposta de Ferreiro foi surpreendente: ela descobriu na sua pesquisa que as crianças passam por níveis conceituais diferentes e sequenciais no decorrer de sua construção da escrita. Essa concepção fez com que os conceitos de ESCRITA e de ERRO fossem alterados. Vamos estudar quais foram os níveis encontrados por Ferreiro, e você entenderá de que forma esses conceitos foram modificados a partir da classificação dos níveis de desenvolvimento propostos por Ferreiro.

- Nível pré-silábico – Neste nível a escrita da criança não tem correspondência com o som. A criança registra garatujas\*\*, desenhos sem configuração e, mais tarde, desenhos com figuração. Na sequência, registra símbolos e pseudolettras (traçado que reflete seu modo particular de escrever: bolinhas, risquinhos etc.) misturadas com letras e números. No final desta fase, começa a diferenciar letras de números,

desenhos ou símbolos e reconhece o papel das letras na escrita. Percebe que as letras servem para escrever, mas não sabe como isso ocorre. A palavra *abacaxi* pode ser escrita assim: *aiunoaxf*.

- Nível silábico – Na sua escrita a criança conta os “pedaços sonoros”, as sílabas das palavras e das frases e usa uma letra para cada sílaba. As letras podem ou não ter valor sonoro convencional. Pode escrever *boneca* como sendo *bnc* ou mesmo *oea* (nesse caso, com valor sonoro correspondente), ou ainda *fgr* (uma letra cada sílaba sonora, mas sem correspondência com o som convencional). A criança escreve somente com vogais, ou somente com consoantes, ou utilizando vogais e consoantes, mas sempre com uma representação (letra) para cada sílaba ou frase.

- Silábico-alfabético – A certeza do nível silábico é quebrada quando a criança compara escritos ou percebe que os adultos não conseguem ler o que ela escreve. Então, ela avança para outra fase: o valor sonoro torna-se fundamental e a criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba. A palavra *boneca*, por exemplo, é escrita assim: *bonc*, e não mais *bnc* (escrita silábica). Neste momento, está perto da escrita alfabética e irá aproximar-se cada vez mais do último nível, quanto mais refletir, escrever e comparar suas escritas.

- Nível alfabético – A criança agora consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala. Porém, escreve foneticamente (ou seja, faz a relação entre o som e a letra); ainda não consegue escrever ortograficamente. Por isso, são comuns palavras escritas com pequenos “erros”, como em *ipopotamo* (hipopótamo).

Os primeiros rabiscos, elementos presentes na fase inicial da escrita, já são uma forma de a criança, enquanto sujeito pensante, elaborar tentativas de escrever convencionalmente e que não deixam de ser consideradas escritas. Os “rabisquinhos” são, então, escritas pré-silábicas.

Outro conceito que sofreu alteração foi o de ERRO. Antes do conhecimento sobre as pesquisas de Ferreiro, as formas de escrita diferentes da convencional eram classificadas como erradas, isto é, o aluno havia cometido um erro na tentativa de escrever. As pesquisas de Ferreiro trouxeram outra luz a esse “erro”, mostrando que, na verdade, as escritas que eram consideradas “erradas” são parte do processo de aprender a escrever “certo”.

## 2.4 O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NA PRERSPECTIVA CONSTRUTIVA

Percebe-se que atualmente o ensino e aprendizagem passam por importantes mudanças de paradigma. O ser humano desde que se nasce passa por transformações contínuas que geram aprendizagens que se dão por meio de interações dos indivíduos entre si e entre o meio que permitem desenvolver suas idéias e seus valores, por isso é que somos frutos da sociedade. Através das relações, a criança vai aplicando suas formas de lidar com o mundo, construindo valores e significados para suas ações e experiências no meio o qual se encontra inseridos.

O processo de desenvolvimento do ser humano caracteriza-se por ser contínuo estendendo-se por toda vida. A aprendizagem da leitura/ escrita não pode ser estendida como aprendizagem do conhecimento formal. Que é ensinado na escola, a criança aprende também a desenhar outros papéis e a relacionar-se afetivamente com outros grupos.

O construtivismo postula que os conhecimentos são construídos pelo sujeito por meios de experiências que vivem em seu ambiente, ou seja, constroem seus conhecimentos a partir do conhecimento prévio onde situações com as quais o sujeito se depara são fontes de aprendizagem. O aluno aprende a ler e a escrever por diferentes processos construindo seus conhecimentos numa relação dialética. A aprendizagem da leitura e da escrita pode ser ensinada de forma mecânica, se não for bem trabalhada, pode-se construir em um objeto de pouco interesse às crianças.

Ensinar e aprender caracteriza-se pelo ato de copiar e revela isso quando criança escreve sozinha, as crianças aprendem a escrever escrevendo, e a ler lendo e para isso lançam mão de várias estratégias como: observam, questiona, imitam, enfim, as crianças aprendem modos de serem leitores e escritores porque experimentam a leitura e a escrita no seu contexto.

Em sua perspectiva da aprendizagem há situações que permitem o aprendiz construir interações e de seus próprios conhecimentos e o saber a aprender isso se o professor proporcionar aprendizagem significativa, ou seja, a aprendizagem escolar é um processo dinâmico pelo qual o indivíduo pó meio de uma série de

intercambio com seus colegas, professores, põe em interação os seus objetivos de construir novos conhecimentos.

O professor organiza a dimensão interativa contextualizando o saber ao aprender. O objeto de uma aprendizagem escolar é a apropriação de um saber sistematizado pelo aprendiz e estes devem ser contextualizado de maneira que os conhecimentos possam interagir com ele, ou seja, aprendizagem da leitura e da escrita deve ter sentido e ser motivadora para o aprendiz, para que isso ocorra, é necessário o educador levar para sala de aula a diversidade textual. Aprendizagem deve a partir de um contexto significativo para o aprendiz, pois é um processo contínuo e inacabado o indivíduo esta constantemente aprendendo a buscar formas positivas, dinâmicas, fazendo trocas entre professor e aluno e o objeto da aprendizagem. Portanto é fundamental que o professor em sua prática pedagógica, conscientize-se que o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita deve caminhar junto para que aconteça a compreensão e que esta não seja de forma fragmentada.

De acordo com o estudo de Ferreiro (1985), aprendizagem da leitura e da escrita não se inicia quando a criança ingressa na escola, visto que fora da escola realiza-se um verdadeiro trabalho cognitivo sobre o material escrito que encontra em seu meio circundante. Como sabemos de acordo com a proposta construtivista o aluno deve ser sempre avaliando para diagnosticar em seu nível de alfabetização encontra-se para que o professor possa fazer as intervenções adequadas, construindo assim para o avanço de fase, pois todo processo de aprendizagem esta articulado com a história de cada indivíduo, e o ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia, com o conhecimento anterior, com alguma imagem palavras e fatos que estão em sua memória, convivência culturais, ou seja, o professor deve levar para sala de aula conteúdo de acordo com a realidade de sua clientela para que possa ocorrer a aprendizagem, também será facilitado se as estratégias seguirem a evolução da experiência cultural do indivíduo.

A aprendizagem como processo precisa se adequar ao processo de desenvolvimento das formas de pensamento e das formas culturais de ação e uso de instrumentos culturais da criança. É importante lembrar que o aluno não é só uma cabeça que aprende, mais um corpo todo. Toda criança é um ser de cultura é, também, um ser com experiência simbólica. A aprendizagem da escrita se inseriu

neste “percurso” do desenvolvimento da função simbólica do ser humano, o ideal, num entanto é trabalhar com campo de Significações como diz Elvira (2002), um campo de experiência relacionado entre si que constitui significados para o individuo e que possibilita a formação de outros significados.

Segundo a autora a aprendizagem do conhecimento formal ocorre mais facilmente se houver, no procedimento pedagógico, previsão de trazer um novo relacionado com algo do conhecimento prévio do individuo, o que “facilita” a construção do novo significado, ou seja, o educador em sua prática pedagógica deve estar sempre fazendo uso da diversidade textual e esse deve acontecer de maneira interdisciplinar e contextualizada.

Para aprender a escrever, é necessário “escrever” frases, texto, relatando fatos, expressando idéias e sentimentos, elaborando questões e argumentações sobre o assunto. Em seus estudos Ferreiros cita que as crianças não aprendem simplesmente porque vêem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque vêem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque essas marcas gráficas são diferentes de outra. As crianças ao aprendem por terem lápis e papel a disposição e sim porque busquem compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos. Enfim a criança não aprende simplesmente porque vêem e escuta, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o meio que lhes oferecem.

Segundo pesquisas realizadas por Weisz (2005), a aprendizagem da leitura e da escrita, não é resultado apenas das ações pedagógicas, mas, a partir do momento que nasce o ser humano começa a aprender, tanto que lhe é ensinado de forma intencional quanto que pode aprender pelo simples fato de estar vivo, ao conviver com outras pessoas em ambientes sociais diversificados. Muitas das coisas que sabemos não nos foram ensinadas formalmente, portanto, tudo aquilo que não é processo formal de ensino e aprendizagem que acontece na sala de aula também educa, ou seja, o jeito das pessoas se relacionarem, as atitudes dos adultos para com as crianças, a relação estabelecida com a família e com a comunidade, o funcionamento geral da escola, a dinâmica do intervalo do recreio, enfim, tudo que acontece com o individuo no contexto que o mesmo está inserido, representa situações de aprendizagem.

Não basta, portanto, o professor se preocupar apenas do projeto pedagógico, é necessário cuidar do contexto em que este se realiza. Não basta cuidar apenas do nosso discurso é preciso cuidar dos nossos atos e das nossas atitudes diante de nossa clientela. É preciso trabalhar de acordo com a realidade de nossos alunos de maneira contextualizada, para que ocorra aprendizagem significativa tanto da leitura quanto da escrita num processo dinâmico e educativo.

Em uma escola orientada pela concepção construtivista, e por um modelo de ensino por resoluções de problemas, o aluno deve realizar as atividades propostas como consegue, pode errar, mas deve justificar o procedimento utilizado. Em vez de apenas dar respostas esperadas, este pode interagir tanto com o professor quanto como os demais colegas da sala não devem ter medo do professor, mas expressar suas opiniões pode contestar..., Normas incomuns na educação tradicional. Isso, no entanto, não significa que o aluno não vá se comprometer para se obter melhores resultados, que este poderá conversar a todo o momento com quem tiver vontade, enfim, ser um mal educado, não tendo limites.

Para um professor não ficar nas condições de “apresentador de aulas” este precisara desenvolver sua capacidade de análise crítica. Isso implica exercícios de outras duas capacidades: a de refletir sobre a própria prática e a de “colocar-se no lugar do outro”, especialmente do aluno buscando, tanto quanto possível. Analisar as coisas a partir de suas perspectivas, para poder atender as demandas que hoje estão inseridas é fundamental o professor ser educador e este deve dar ênfase na reflexão sobre a ação educativa a compartilhar com todos.

O letramento passa a ser visto como um conjunto de práticas sociais aliadas a leitura e a escrita, realizado pelos indivíduos mergulhados em um contexto social de produção, o que torna falsa a inferência de que “é possível separar o inseparável e letramento possam ser consideradas como autônomas independentes”(SOARES, 2002, p.9)

As práticas de alfabetização e letramento da atualidade embasadas em pressupostos da teoria socioconstrutivista, buscam considerar como o ser humano se relaciona com o objeto do conhecimento. Alfabetização e letramento são processos de compreensão e o uso das práticas sociais de leitura e de escrita e devem ocorrer num processo de codificação e decodificação.

A prática pedagógica tem nos mostrado que, quando se pretende trabalhar com diversidade textual nas classes de alfabetização, nas situações em que se lê

para os alunos praticamente todo gênero é adequado, desde que o conteúdo possa interessar, pois o professor atua como mediador entre eles e o texto. Como bem sabemos a diversidade é inevitável na sala de aula, pois teremos sempre alunos com níveis de compreensão e conhecimentos diferentes e, por isso, é preciso conhecer, analisar e acompanhar o que eles produzem para adequar as propostas, considerando os ritmos e as possibilidades da leitura e da escrita de cada um, fazendo com isso intervenções adequadas e significativas para que ocorra o conhecimento de maneira produtiva.

Nesse sentido, o desafio é conhecer o que eles pensam e sabem sobre o que se pretende ensinar (o que indica suas reais possibilidades de realizar as tarefas), para poder lançar problemas adequados às suas necessidades de aprendizagem. Além de contribuir com a aprendizagem ao selecionar conteúdos pertinentes, planejar atividades adequadas e formas agrupamentos produtivos, o professor também tem um papel fundamental durante a realização da atividade, pois, ao circular pela classe, deve formular para os alunos perguntas que lhes ajudem a pensar, problematizar as respostas dadas por eles, pedir que um ou outro leia algo aos demais, apresentar informações úteis e sempre que for apropriado, socializar as respostas, questionar e discutir como foi encontrado, para isso esse precisa estar atenta aos procedimentos utilizados pelos alunos para realizar as tarefas propostas e ao conhecimento que revelam enquanto trabalham. Sabemos que o professor é um informante privilegiado na sala de aula, mas não é o único, pois seus agrupamentos foram bem planejados, os alunos também aprenderão, muito uns com os outros, ou seja, o professor ao mesmo tempo em que ensina também aprende e os alunos ao mesmo tempo em que aprendem também ensinam, por isso estamos constantemente ensinando e aprendendo.

Portanto aprendizagem da leitura e da escrita depende muito, de como processo educativo e organizado em suas diferentes dimensões. Ambiente alfabetizado é quando o educador traz para dentro da sala de aula uma variedade de práticas de leitura e de escrita. E essas atividades de aprendizagem de leitura e de escrita têm que estar evidentes as seguintes questões: Por que? Para que? Como? Para quem?

O trabalho com leitura na escola objetiva a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de produtores de textos, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura. Assim, leitura e



produção de textos estão intimamente ligadas, uma vez que a primeira nos fornece a matéria prima para a segunda, ou seja, o que escrever e como escrever.

A leitura, da maneira como é vista nos PCN, deve ser um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção dos sentidos do texto, a partir da identificação dos seus objetivos, do conhecimento que tem sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero de texto, do suporte no qual esse gênero é veiculado, do sistema de escrita, etc. Portanto, ler não se trata simplesmente de decifrar a escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra, mas é uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Mas essas questões você já aprendeu quando cursou a disciplina Leitura e Produção de Textos. O que nos interessa aqui é que você compreenda que formar um leitor competente supõe:

[...] formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN, 1997, p. 41).

Para isso, é necessário que a leitura faça sentido para o aluno, quer dizer, a atividade de leitura, como prática social que é, deve atender a objetivos de realização imediata: resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto.

Nesse sentido, mais uma vez destacamos que a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura é expor o aluno a uma diversidade textual, isto é, ir além do livro didático. Ao contrário do que se pensou durante muito tempo, a concepção de que o aprendizado inicial de leitura deve preocupar-se em converter letras em sons é um engano; e a consequência disso é o fato de a escola ter formado grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, porém com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Há algumas iniciativas do professor que podem auxiliar no despertar desse desejo. A primeira, e talvez uma das mais importantes, é que você seja um leitor. Os alunos precisam conviver com modelos de leitores. Além disso, é preciso segundo Brasil, (1997, p. 44):

- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia;
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões.

A formação de bons leitores implica o trabalho diário com a leitura, seja de forma silenciosa, individualmente, ou em voz alta (individualmente ou em grupo), ou pela escuta de alguém que lê (alunos ou o professor). Quando é o professor quem lê um texto com a classe, ele pode questionar os alunos sobre os sentidos do texto, pedindo que identifiquem as pistas linguísticas que possibilitaram a atribuição desses sentidos. O trabalho com projetos de leitura também é produtivo para a formação de bons leitores, pois são situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se interrelacionam de forma contextualizada, já que quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos.

## 2.5 COMO É DEFINIDA A QUESTÃO DA DIFICULDADE DA LEITURA E DA ESCRITA DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Antes de abordarmos as dificuldades precisamos discutir o que entendemos por aprendizagem e o que são dificuldades de aprendizagem.

Oliveira (2000) define a aprendizagem como um processo de apropriação ativa, por parte da criança, dos conhecimentos resultante da experiência humana do grupo social a que ela pertence.

É preciso que o mediador considere o aprendiz como um ser biopsico-social, em constante processo de transformação, pois este no seu dia-a-dia esta

constantemente aprendendo, ou seja, construindo novos conhecimentos seja na escola, na rua, na convivência com outros grupos, com seu contexto social.

Uma vez situado o tema da aprendizagem tentaremos definir o âmbito da sua perturbação, isto é, patologia da aprendizagem. Essa pode ser entendida num sentido amplo e num sentido restrito. Este último refere-se ao problema clínico onde terá que fazer um acompanhamento no consultório como também na escola. Supõe um desvio mais ou menos acentuado do quadro normal, mas aceitável, e que responde as expectativas relativas a um sujeito que aprende, ou seja, este terá dificuldades mas se for feito um trabalho persistente e gradativo será possível que este desenvolva seu potencial e aprenda. Para isso é necessário que o professor acredite que o aluno é capaz este deve valorizar o conhecimento prévio do mesmo, ou seja, o professor de partir do que ele sabe sempre fazendo uma relação como o desconhecido.

Alguns aspectos do desvio podem assinalar-se na articulação mórbida precisa que determina, mas outros são de caracteres normativos e ideológicos e na maioria dos casos ambos os fatores contribuem.

Sabe-se que muitos dos problemas de aprendizagem com relações as diversas disciplinas escolares são provenientes da não proficiência dos alunos na leitura e na escrita. Todos os envolvidos na educação reconhecem essa realidade, pois cada vez mais se resgata a importância dos mesmos no processo de aprendizagem.

Hoje na escola ainda existe muitos educadores que deixam a leitura à deriva, ensinando apenas comportamentos mecânicos, alfabetizando segundo modelos tradicionais e não formando leitores.

Dentro da realidade atual, muitas vezes, o aluno que fracassa na habilidade de ler e escrever adequadamente no período de 1º a 4º série, chega a 5º série, levando consigo o resultado deste processo. O fracasso se instala como uma constante na relação como livro, pois a prática do professor, provenientes de concepções errôneas, sobre a leitura, texto e linguagem, desmotivam e fortalecem as imagens negativas do aluno sobre a leitura e a escrita.

E, em consequência o aluno se mostra desinteressado, desmotivado na maioria das vezes, torna-se indisciplinado e evade-se da escola em alguns casos.

Então cabe ao educador rever sua prática pedagógica, este deve buscar se aperfeiçoar fazendo cursos, se engajando em uma faculdade que o faça, através de

esforços, força de vontade, pesquisas, fortalecer o seu papel como educador, pois, o papel deste hoje não é mais de transmissor ou detentor de conhecimento mais sim de mediador do conhecimento. Sendo assim para isso é preciso, ser inovador, pesquisador constante para poder estar atualizado, pois o ensino da leitura e da escrita, necessariamente, há de incorporar sua dimensão lúdica, pessoal e independente. Em todos os níveis da escolaridade devem se encontrar tempo e espaço programados para o ler sem ser o ler por ler e sim como a finalidade de sentir o prazer de ler.

No começo da aprendizagem, é preciso estar atento ao fato de que ler sempre implica construir um significado ao fato de que as crianças possuem numerosos conhecimentos prévios que ajudam a fazer construção e assimilar conhecimentos, ou seja, ensinar a criança fazer uso de suas hipóteses com relação ao conteúdo de está sendo trabalhado, com relação ao texto por exemplo: ler seus “escritos” e reescrevê-los de forma convencional escutá-la quando lê, assinalando aquilo que possa aprender e valorizando aquilo que possa aprender e valorizando seus esforços, estimulando, fazendo a criança ser um instigador do conhecimento, se o assunto for familiar ao leitor a assimilação e a compreensão textual tornam-se mais fáceis, por isso a importância de trabalhar de acordo com a realidade da clientela de maneira interdisciplinar e contextualizado. Ler não é técnica, a criança aprende a ler lendo, e a escrever escrevendo. Para isso é que deveríamos disponibilizar livros a elas, os livros dos quais elas necessitam, todos.

Segundo Lima (2002), para entender o que acontece quando uma criança não aprende a ler e a escrever é preciso considerar primeiramente que a escrita é um produto da evolução histórico-cultural da humanidade, é um sistema organizado, e, portanto, para dominá-lo a pessoa precisa compreender sua organização. Sendo a leitura e a escrita, uma prática da cultura, são vários os fatores de ordem cultural que participam do processo de leitura e escrita para que ocorra a aprendizagem de maneira significativa. Do ponto de vista do sujeito que aprende, sendo o desenvolvimento humano de natureza biológica e cultural, determinam diferentes formas de abordar o ensino da leitura e da escrita.

Quando a criança está aprendendo a ler ou a escrever, ou ambos, é preciso levar em consideração a escrita como um sistema que é manifestação da capacidade humana de simbolizar; o educando, seu período de desenvolvimento e sua experiência cultural; o professor a grande de mediação realizada por ele sua formação profissional e seu conhecimento pedagógico, a escola organização do tempo e do espaço, a gestão e o

contexto de desenvolvimento por ela oferecido; o conhecimento o momento histórico e a prática pedagógica, principalmente, a dinâmica dos processos de como acontecem a aprendizagem na sala de aula. (LIMA, 2002 p.3)

Existem, estão, inúmeros fatores que podem estar ocorrendo quando a criança não aprende. É importante salientar que falar ler e escrever, embora sejam realizações humanas relacionadas, são de naturezas distintas. Falar é possível pela genética da espécie humana, e o desenvolvimento da fala é uma construção social a partir dessa realidade. O ser humano é capaz de desenvolver potencialidades seja pelo som (fala) e outros sistemas de linguagens.

A escrita por sua vez, sendo um produto cultural, depende do ensino intencional e organizado, pois este não se realiza através da herança genética como acontece com a fala.

Escrever e ler envolvem aspectos de instintos, tanto que é possível ler uma língua e não ser capaz de escrevê-la, a menos que passe por um processo de aprendizagem específico para cada uma dessas atividades: a leitura e a escrita.

Na maioria das vezes, responsabiliza-se a criança pela não aprendizagem, ou então a família. Alguns especialistas culpam a escola, na maior parte culpam o professor pelo fracasso da criança.

Porém, para entender o porquê a criança não aprende, é preciso examinar a dinâmica internacional educador - educando mediada pelo conhecimento, sempre fazendo relação interação conhecimento.

Portanto, o olhar sobre a criança que não aprende deve integrar o professor (incluindo as práticas pedagógicas), as dinâmicas, intraescolares, a organização do tempo e do espaço na escola, e o contexto em que se insere a instituição escolar. Aprendizagem não se dá no vazio. É uma realização, por meio de uma construção histórica e social e que supõe, portanto, a interação com o outro.

Muitas vezes, a não aprendizagem na escola ocorre porque a metodologia de ensino não corresponde aos processos de desenvolvimento da criança, não considera o seu desenvolvimento cultural ou, ainda, não considera a língua escrita como um sistema estruturado e complexo.

Toda criança pode aprender a ler e a escrever, mas não em qualquer situação. Está claro, hoje, que toda criança pode aprender. Mas está claro, também, que não é em qualquer situação que o ser humano aprende. Mas ainda, não há uma mesma situação para todas as crianças. As condições para que uma mesma criança

aprenda vão variar de acordo com o período de formação. Assim, o ensino da leitura e da escrita deve ser adequado para cada período de formação humana.

Todo processo de aprendizagem está articulado com a história de cada um e o ser humano aprende com mais facilidade. Quando novo pode ser relacionado com algum aspecto da experiência previa, com o conhecimento anterior, com fatos que estão em sua memória e o mesmo relata, com convivências culturais.

O processo de aprendizagem também poderá ser facilitado se as estratégias utilizadas pelo professor seguirem a evolução da experiência cultural do conhecimento.

Considerando a complexidade da linguagem humana e da produção de sistema simbólicos que servem para a comunicação oral, vários fatores podem interferir no processo de ensino e aprendizagem da linguagem escrita na escola.

É importante lembrar que o aluno não é só uma cabeça que aprende, mas um corpo todo, ou seja, toda criança é um ser da cultura, um ser com emoções e com uma história. Sendo um ser de cultura é também, um ser com experiência simbólica.

Crianças “espancadas” na aprendizagem da leitura e da escrita ou ambos são aquelas que, com 9 ou 10 anos, continua escrevendo pouquíssimo, com muitos equívocos, sem conseguir montar sequer uma frase, compreender uma história, ou aquelas que ainda escrevem usando fileiras de letras, incapazes de representar em grafemas os fonemas da Língua Portuguesa, são crianças que precisam rever todo processo de como está sendo construído o conhecimento que estes não conseguem progredir. É necessário rever todos os aspectos inclusive a metodologia utilizada pelo professor nos processos de ensino e de aprendizagem. Nesta perspectiva é preciso o professor respeitar, também, o período de formação humana em que se encontra o aprendiz, o seu desenvolvimento cultural, a história de cada educando com a situação de ensino aprendizagem da leitura e da escrita para que possa ser valorizado e isso ajudará a sanar a dificuldade que o mesmo se encontra.

Se há necessidade de planejamento a médio e longo prazo. Não são atividades soltas, que o professor lança aos alunos no dia-a-dia, que vão levar os mesmos a resolver a dificuldade dos alunos que não aprendem a ler e a escrever, mas atividades que tenham continuidade, que caminhem no sentido de ampliar os conhecimentos destes.

Este deverá ser um trabalho organizado e contínuo do educador, o mesmo deverá planejar aulas que possam atribuir atividades significativas que possam ir de

encontro com as necessidades do aluno, pois do contrário estará determinando a rota do fracasso. Durante a realização das atividades o professor deve estar fazendo constantes intervenções que ajude o aluno em suas dificuldades e sane as mesmas.

Constata-se, hoje que, em muitas situações, acaba acontecendo um ensino fragmentado ou insuficiente da escrita devido a uma distorção que houve com relação ao conceito de como a criança se alfabetiza, por não haver compreensão por parte de educadores a respeito da proposta que professor deve utilizar diante sua prática pedagógica e muitos alunos acabem sendo prejudicados. Cabe a estes fazer uma formação adequada que vá de encontro com a proposta para então facilitar o seu trabalho.

Outro fator que dificulta a aprendizagem é ignorar os processos de imaginação indispensáveis para construir significados a formar, para constituir “um acervo”, (montão de palavras, imagens e idéias que permitam a elaboração de uma frase um verso ou até mesmo um texto).

Para escrever, é preciso ter um acervo de recursos e ter o que dizer sobre o assunto, para ler, é preciso ter um acervo de recursos que permitam compreender o texto, ou seja, ao trabalhar determinado conteúdo é necessário o professor explorar ao Máximo sobre aquele assunto para que quando pedir para o aluno escrever sobre este, possa ter argumentos para estar relatando tudo o que compreendeu sobre.

Para ler e escrever é necessário construir significados. Uma das possibilidades mais ricas para este processo, portanto, é o professor relacionar o ensino da leitura e da escrita às vivências culturais do aprendiz. Esta passa ser uma dimensão importante quando pensamos na escrita como produto da cultura humana. Por exemplo, ao ensinar crianças da zona rural, vamos trabalhar conteúdos da vida cotidiana da zona rural, fazendo com que o aluno aprenda a ler e escrever registrando no papel o conteúdo significativo de seu dia-a-dia. Se a criança vive na zona rural e tem acesso à televisão, precisamos considerar que seu universo cultural inclui também a televisão, se a criança trabalha na lavoura com a família, este universo de interação familiar em torno do trabalho e do trabalho com a natureza poderá ser um eixo importante do conteúdo da escrita. Enquanto que as crianças que moram na zona urbana de classe média, teremos outras culturas assim como as que vivem em favelas ou até mesmo criança de classe econômica mais

favorecidas todas tem sua cultura. Portanto atrelar a aprendizagem da escrita à experiência de cultura pode ser uma estratégia bastante eficiente, especialmente para as crianças que não aprendem a ler e a escrever.

Para o professor é importante saber como a criança se posiciona em relação à palavra escrita, qual o significado dado a ela em sua família e comunidade.

Muitas vezes, ler e escrever são supervalorizados, exatamente porque os pais, os adultos da comunidade, tiveram pouco ou nenhum acesso à escrita e a escolaridade. Lápis, canetas, livros, cadernetas, enquanto outras fazem uso destes materiais somente na escola, pois não tem recursos para isso. A escola precisa acolher sem preconceito a criança que nela entra, aceitando a diversidade.

A autoestima do aluno se modifica quando ele sente que aprendeu. Todo ser humano sabe quando está aprendendo algo ou não. Ter consciência de que aprendeu algo é que muda a baixa autoestima de qualquer pessoa. Não é algo que se realiza no discurso, mas, sim na ação concreta.

Portanto, a questão principal é criar na escola, situações em que a escrita surja com outra significação. É função da escola, ampliar a experiência humana, portanto, não pode se limitar ao que é significativo para o aluno, as criar situações de ensino que ampliem a experiência, aumentando assim os campos de significação.

Do ponto de vista do desenvolvimento e da construção de significados, só pode ser significativo para a pessoa aquilo do qual ela possui um mínimo de informação e de experiência. Se a pessoa não tem conhecimento de algo, isso não pode ser significativo para ela, porém se ela for introduzida de alguma forma ao “novo”, este poderá passar a ser significativo. Pois o que é significativo para o professor não é uma condição estática, mas um processo dialético em que a informação, o evento, o acontecimento histórico, a condição da natureza provocam novas possibilidades de desenvolvimento.

Quando a criança não esta aprendendo a ler e a escrever é necessário olhar em diferentes direções. É importante salientar que há um efeito cumulativo, ou seja, fator pode levar a outros e agravar, no tempo, a não aprendizagem.

Se a escrita não for considerada como um produto da cultura humana, a prática pedagógica em sala de aula tende a se distanciar do aluno como leitor e escritor.

Portanto, educador deverá ser mediador do conhecimento, fazer com que o aluno instigue o mesmo de maneira prazerosa e compreender que os que fracassam



na escola não são tão diferentes dos que nela tem sucesso. Para todos eles, o desenvolvimento da leitura e da escrita é um processo construtivo. Para Ferreiro (1993, p 103), “um ato de leitura é um ato mágico e em vez de nos perguntarmos “se devemos ou não devemos ensinar” temos que nos preocupar em dar as crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é a parte de nosso patrimônio cultural”.

## 2.6 CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

A origem de toda a aprendizagem está na ação mediante do corpo, por isso é fundamental a integridade e funcionamento dos órgãos que são comprometidos com a manipulação deste, bem como os dispositivos que possam garantir sua coordenação do sistema nervoso central.

É fundamental para a vida do aluno e também necessário estabelecer se o sujeito alimenta corretamente, em quantidade e qualidade para assim evitar um problema de aprendizagem.

O sistema nervoso sadio se caracteriza, em nível de comportamento, pelo seu ritmo, seu equilíbrio, isto lhe garante harmonia nas mudanças, pois do contrário se a criança possui alguma dificuldade, se algum dos seus sistemas for afetado seu desenvolvimento intelectual abrange a capacidade de aprender, isso ocorre sobretudo na infância.

Diante das dificuldades de aprendizagem referente a compreensão da leitura e da escrita no referente texto estará discorrendo algumas estratégias que o professor poderá utilizar, ou seja, fazer uso na sua prática docente, deixando bem claro que não é uma receita a ser seguida, mas que estas possam esclarecer algumas dúvidas, insegurança que o profissional tem na sua prática pedagógica assim cabe a este estar sempre refletido, buscando soluções referente ao assunto, utilizando um procedimento adequado para realização desta. “Um procedimento, também chamado de regra, método ou habilidade, é um conjunto de ações ordenadas, e finalizadas, isto é, dirigidas a consecução de uma meta”. (COLL APUD,

SOLÉ. 1998 p 68), ou seja, as ações ou passos e o tipo de meta que o profissional pretende alcançar, pois nos conteúdos os procedimentos podem ser realizados através de técnicas ou estratégias relacionados a este o concreto, pois o decorrer da prática cotidiana tudo o que se vai realizar é necessário fazer uso de uma estratégia para solução de um problema seja ele educativo ou não. Como Valls (1990), frisou a estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade, no desenvolvimento de atividades, que as pessoas realizam e na medida em que aplica permite selecionar, avaliar, persiste ou abandonar determinadas ações para conseguir realizar a meta que foi proposta, os planejamentos das ações que se pretendem atingir, assim como a avaliação e possível mudança, cabe ao professor definir isso.

É fundamental salientar que as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar as estratégias para que aconteça a compreensão dos textos trabalhados pelo educador, estas não podem ser tratadas como técnicas ou receitas, mas sim que analise o problema e seja flexível para encontrar soluções adequadas para situações de leituras múltiplas e variadas e que ocorra aprendizagem significativa, pois é necessário o professor ter claro o que quer que a criança aprenda, pois de nada adianta esta possuir um amplo repertório de estratégias adequadas para a compreensão de um texto, pois do contrário pode-se ter uma lista imensa de estratégias e o professor não utilizar adequadamente poderá virar uma técnica, uma receita ou até mesmo um procedimento inadequado e este não irá obter sucesso, como de fato já ocorre em várias propostas, portanto, tem-se que saber como ensiná-las se não quiser que seu potencial seja fracassado.

Por esse motivo, considero adequado analisar, refletir e ver que as diferentes estratégias utilizadas devem possibilitar o que deverá ser levado em conta durante os processos de ensino e de aprendizagem para que esta possa ir de encontro com as metas traçadas pelo educador, quando este se deparar com problemas, pois, as diversas estratégias poderão permitir enfatizar a ideia de que o ensino da leitura e da escrita pode e deve percorrer todas as suas etapas (antes, durante e depois) e sustentar a ideia de um leitor ativo, que constrói seus próprios significados que este seja capaz de fazer uso da forma competente e autônoma dominar os conteúdos de ensino e realizar seus objetivos de maneira eficaz; que esta possa ser feita em conjunto através da interação que aconteça na prática educativa, e o professor

possa exercer sua função de guia, garantindo a esses um elo entre a construção que o aluno deve realizar e o conteúdo que este precisa aprender para que seus objetivos possam ser alcançados, isto é, o professor deverá conseguir esclarecer o que significa um processo de ensino aprendizagem em que ocorra participação, compreensão com responsabilidade em seu desenvolvimento de forma progressiva, mostrando competência na aplicação do que foi assimilado.

Entende-se, assim, que as situações de ensino aprendizagem que se articulam em torno das estratégias de leituras com processo de construção conjunta entre professor e aluno e que é necessário ensinar uma série de estratégias que podem contribuir para compreensão da leitura e que esta seja feita pelo educador como modelo onde o mesmo faz leitura em voz alta faz comentários referentes ao texto para que estes passem compreender a mensagem do texto comentar sobre as dúvidas que encontram as falhas e os mecanismos utilizados para solucioná-las, pois quando se encontra dificuldade não se deve amedrontar mas sim expor para a criança que podemos fazer com a leitura a mesma coisa que fazemos quando explicamos a soma ou qualquer outra operação, ou seja, expor para a criança como proceder para resolvê-la.

Outra etapa é a participação da criança, a qual o professor pode sugerir perguntas abertas, dando opiniões, ou seja, que o aluno faz uso de estratégias a qual irá facilitar a compreensão do texto, para isso o professor deve fazer intervenções às necessidades do aluno, como meta de realizar de maneira competente a autônoma.

Porém, esta etapa é tanto quanto delicada, pois tanto professor quanto aluno devem compreender que podem ocorrer erros, e que isso não deve servir de impedimento para se arriscar nesta etapa o importante é fazer ajustamento às realizações mais desejadas pelo aluno, e isso ocorre com a ajuda adequada do professor numa construção conjunta e da participação.

Existe também a etapa da leitura silenciosa que é realizada pelo educando, pode ser oferecida ajuda diversa ao aluno, ou seja, o professor pode planejar atividades, elaborar textos nos quais o aluno terá que realizar alguma inferência, texto com erros para resolver, textos dos mais diversos e variados alguns textos são mais adequados que outros para que aconteça a compreensão da leitura e da escrita de forma significativa e que as estratégias se diversifiquem, pois existem múltiplas maneiras de fazer uso.

De acordo com outras perspectivas, pode se considerar um conjunto de propostas para o ensino das estratégias de compreensão leitora que se englobam sob duas maneiras de acontecer o “ensino direto” que tem contribuído para evidenciar a necessidade de ensinar a ler e a compreender de forma explícita..

(...) Quando há ensino direto, dedica-se tempo suficiente à leitura, os professores aceitam sua responsabilidade no progresso dos alunos e esperam que eles aprendam. Os professores conhecem os objetivos de suas aulas e são capazes de expô-los claramente aos alunos, este seleciona as atividades e dirige as aulas; o ensino não é realizado grupos grandes ou pequenos, os alunos obtêm mais êxito do que fracasso e estão concentrados na tarefa durante a maior parte do Tempo.O professor está bem preparado, é capaz de prevenir o mau comportamento, verifica que seus alunos compreendem, corrige adequadamente e torna a repetir as explicações em caso de necessidade. Mas o mais importante é que o professor comanda a situação de aprendizagem, mostrando. Falando, demonstrando, descrevendo, “ensinando o que se deve ser aprendido”. (BAUMANN apud, SOLÉ 1998, p. 78).

Assim, professor eficaz é aquele que está constantemente preocupado com a aprendizagem dos seus alunos e busca diferentes estratégias para que aconteça o conhecimento de maneira significativa. Que busca objetivos que satisfaçam a todos voltando quantas vezes for necessário para que possam compreender o conteúdo. Aquele que trabalha de maneira coletiva para que possa acontecer a troca, ou seja, a relação entre professor, o professor de ensino, como o professor ensina e o produto, ou seja, os resultados conseguidos pelos alunos, sempre fazendo uso do conhecimento prévio, com relação a novas informações, atribuindo significados.

O trabalho com estratégias de leituras é considerado de suma importância para a formação de um leitor competente, e que assim este possa fazer leitura de qualquer texto da sociedade, compreendê-lo e fazer uso dos seus conhecimentos para conseguir fazer uso perante o contexto no qual está inserido. Assim os princípios básicos do letramento

A “instrução direta” seria o ensino de habilidades isoladas, ou seja, o professor explica algo ao aluno referente a uma habilidade e muitos em sua prática educativa fazem uso desta, pois de fato a utilizam. São aqui considerados para que o professor possa proporcionar um trabalho de leitura em que o texto seja lido

analisado, refletido e utilizado como meio para o desenvolvimento da leitura com os alunos de maneira significativa.

## 2.7 ESTRATÉGIAS USADAS PELOS PROFESSORES NA PRÁTICA DOCENTE

Para que ocorra o desenvolvimento é necessário realizar um trabalho consistente fazendo uso das mais variadas estratégias em sala de aula, a partir de material didático que se tem na escola e dos textos trazidos pelos alunos ou retirados do convívio normal em que professores e alunos estão inseridos, é fundamental o professor em sua prática pedagógica ensinar as estratégias de leitura aos alunos, pois com esse ensino eles aprendem a desenvolver sua leitura com mais facilidade e de maneira adequada.

Estratégias são procedimentos conscientes ou inconscientes utilizados pelo leitor para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura. Um procedimento “com freqüência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade, é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isto é dirigidas à consecução de uma meta” (COLL,1987 apud SOLÉ, 1998, p. 68). Nesse ponto, é necessário que façamos distinção entre estratégias e técnicas. Menegassi (2003, p.159), considera que as técnicas, como procedimentos de ação ordenada.

Em contrapartida, o modelo de ensino direto, preocupa-se com a necessidade de ensiná-lo sistematicamente, este oferece proposta rigorosa e sistemática para o ensino que, como todas propostas, deve ser adequadas com flexibilidades a cada contexto, fazendo a contextualização, assim a aprendizagem do aluno irá acontecer com a clareza contribuindo com ensino e aprendizagem numa visão global daquilo que é o processo de leitura, mediante o ensino, utilizando os recursos destas e de outras propostas devem conseguir que os alunos possam ser leitores ativos e autônomos, que aprenderam de forma significativa as estratégias para se fazer uma leitura eficaz numa perspectiva construtivista baseado na participação conjunta.

Neste processo fica claro o uso da diversidade textual e sua estrutura, o professor deve levar para sala os mais variados para que os alunos possam ter acesso.

Adam (1985), por exemplo, baseando nos trabalhos de Bronckart (apud ano 1984), propõe a seguinte classificação de textos.

**Narrativo** - Essa tenta explicar alguns acontecimentos em uma determinada ordem. Alguns textos narrativos seguem uma organização: estado inicial, complicação, ação, resolução e estado final. Outros introduzem uma estrutura dialogal dentro da estrutura narrativa. Ex. contos, lendas, romances...

**Descritivos** - Sua intenção é descrever um objeto ou fenômeno, mediante comparações e outras técnicas. Adam ressalta que esse tipo de texto é freqüente tanto na literatura quanto nos dicionários, os guias turísticos, inventários, etc.

**Expositivo** \_ Relacionando a análise e síntese de representações conceituais esse explica determinados fenômenos ou proporciona informações sobre estes.

**Instrutivo / Indutivo** - Adam agrupa nesta categoria os textos cuja pretensão é a de induzir à ação do leitor, palavras de ordem, instrução de montagem ou de uso, etc. (ADAM, apud SOLÉ 1998, p. 84-85).

Outros autores mencionam que existem outros tipos de textos como informativo, jornalístico, de instrução, comparativos, esclarecedor e que cada um tem uma função específica e sua estrutura deverá ser adequada a este, e que não se trata de ensinar que isto é uma narração e aquilo um comparativo, mas ensinar o que caracteriza cada um destes, sempre mostrando pistas que irá facilitar e ter melhor compreensão.

Portanto fomentar as estratégias de leitura e escrita a fim de redigir textos diferentes pode ser sem dúvida, uma das melhores formas de contribuir com a aprendizagem, e que na escola devem fazer uso, pois estes existem e devem ser trabalhados para que aprendam a ler e que leiam para aprender, para isso é necessário ensinar que as estratégias de leitura devem estar presentes ao longo de toda atividade, pois é muito mais do que possuir estratégias e técnicas. Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa, quando ensinamos a ele deve se levar isso em conta, então professores e alunos devem estar motivados, esta não pode ser considerada uma atividade competitiva através da qual ganha prêmios ou sofrem sanções.

Ao ler, as crianças devem sentir-se motivadas para que possam encontrar sentido e que sejam capazes de aze-lo sentir segurança por ter acesso a recursos necessários e possibilidade de ter ajuda sempre que preciso. Um fator específico que contribui para que isso aconteça é o professor estar no seu dia-a-dia lançando

desafios pra então construir um significado adequado sobre o que for proposto. É preciso levar em conta que existem diversas situações de leitura que são mais motivadoras que outras, por exemplo, a prática da leitura fragmentada, um parágrafo cada um, duas páginas por dia. Estas estratégias são muito frequentes nos dias de hoje na escola, pois são adequadas para “trabalhar a leitura” em alguns caso pra que as crianças possam ler. De qualquer forma, este tipo de leitura nunca deveria ser usado com exclusividade.

É importante na sua prática pedagógica o professor trabalhar de acordo com a realidade de maneira contextualizada, fazendo um trabalho que vá de encontro com as expectativas de poder estar sanando ou pelo menos amenizando as dificuldades encontradas em sala de aula por sua clientela, para isso o professor não poderá trabalhar fragmentado e sim com textos que levem o aluno a refletir e compreender, podendo opinar, fazendo relação com a realidade, o professor também deverá valorizar o conhecimento prévio do aluno, pois a leitura é a chave do conhecimento, quer se faça de um texto, quer se faça de uma realidade mais ampla, o mundo.

Um leitor competente se torna crítico e não mero reprodutor daquilo que o autor disse, ele confronta as informações com a realidade, constrói assim a leitura e a escrita com clareza.

Os autores ressaltam a importância de diferentes situações de aprendizagem da língua escrita por meio da atividade de leituras e escrita em texto de tradição oral como: adivinhas, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas e trava-línguas além dos textos já citados anteriormente como narrativos, informativos de ficção e outros, por isso é necessário que ao trabalhar cada um deles, você construa uma seqüência de atividades devem ser planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. São seqüenciadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. São seqüenciadas com a intenção de oferecer desafio com graus diferentes de complexidade, para que os alunos possam ir paulatinamente resolvendo problemas a partir de diferentes proposições.

**Leitura pelo professor** – é importante que o professor faça a leitura de vários textos do mesmo gênero (adivinhas, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas ou trava-línguas), de modo que os alunos possam se apropriar de um amplo repertório do texto em questão. Essa atividade de leitura pode ser diária (na hora da chegada,

na volta do recreio ou semanal). O importante é que os alunos tenham um contato freqüente com os textos, para que possam conhecê-los melhor.

**Leitura compartilhada (professor e alunos) de textos conhecidos** - Em alguns textos (adivinhas, cantigas de roda, parlendas quadrilhas ou trava-línguas) que os alunos conheçam bastante, para que possam inferir e antecipar significados durante a leitura. Os textos que serão lidos podem estar afixados na sala em forma de cartaz, escritos na lousa ou impressos no livro do aluno.

**Leitura coletiva** - Ler, cantar, recitar e brincar com textos conhecidos. É fundamental que os alunos possam vivenciar na escola situações em que a leitura esteja vinculada diretamente ao desfrute pessoal, à descontração e ao prazer.

**Leitura dirigida** - Propor atividades de leitura em que os alunos tenham de localizar palavras em um texto conhecido. Por exemplo: o professor lê o texto inteiro e depois pede aos alunos que localizem uma palavra determinada (ex. “piano”, na parlendas “Lá em cima do piano”). A intenção é que possam utilizar seus conhecimentos sobre a escrita para localizar e ler as palavras selecionadas.

**Leitura individual** - Quando os alunos conhecem bastante os textos, já podem começar a lê-los individualmente. E nesse caso é importante que tenham objetivos com a atividade de leitura. Por exemplo: ler para escolher a parte que mais gosta ler para depois recitar em voz alta para todos, etc.

**Pesquisa de outros textos** - Os alunos podem pesquisar outros textos do mesmo gênero em livros, na família e na comunidade. Podem, por exemplo, entrevistar, pois, avós e amigos a respeito de adivinhas, cantigas de roda, parlendas, quadrilhas ou trava-línguas que conhecem; ou procurar textos conhecidos no livro de aluno. No caso dos poemas, também é possível pesquisar autores da comunidade, autores conhecido no Brasil inteiro etc.

**Rodas de conversa ou de leitura** - Sentar em roda é uma boa estratégia para socializar experiências e conhecimentos, pois favorecer a troca entre os alunos. A roda de conversa permite identificar o repertório dos alunos a respeito do texto que está sendo trabalhado e também suas preferências. A roda de leitura permite compartilhar momentos de prazer e diversão com a leitura. No caso dos trava-línguas, é interessante propor um concurso de trava-línguas- falar sem tropeçar nas palavras.

**Escrita individual** - Escrever segundo suas próprias hipóteses é fundamental para refletir sobre a forma de escrever as palavras. Por isso é importante criar



momentos na rotina de sala de em que os alunos possam escrever sozinhos. Por exemplo: pedir que os alunos escrevam uma parlenda que conhecem de memória, ou que escreva a cantiga de roda preferida. Vale ressaltar que não há um destinatário específico é fundamental aceitar as hipóteses e não interferir diretamente nas produções: não se deve corrigir escrever embaixo ou coisa do tipo.

Nessas atividades de escrita, o aluno que ainda não sabe escrever convencionalmente precisa se esforçar para construir procedimentos de análise e pro isso que esta é uma boa atividade de alfabetização: havendo informação disponível e espaço para reflexão sobre o sistema de análise necessário para que a alfabetização se realize.

**Escrita coletiva** - O professor escreve na lousa, ou em um cartaz, o texto que os alunos ditam para ele. Nesse caso é absolutamente necessário que todos os alunos conheçam bem a cantiga de roda, a parlenda ou a quadrinha que será ditada. Durante o processo de escrita, é fundamental que o professor discuta com os alunos a forma de escrever as palavras, pois isto favorece a aprendizagem de novos conhecimentos sobre a língua escrita. Quando for possível, liste coletivamente os títulos dos textos de que os alunos gostam mais.

**Reflexão sobre a escrita** - Sempre que for possível favoreça a reflexão dos alunos sobre a escrita, propondo comparações entre palavras que começam ou terminam da mesma forma (letras, sílabas ou partes das palavras).

**Aprendendo com outros** - A interação com bons modelos é fundamental na aprendizagem, por isso é importante que os alunos possam compartilhar atos de estudando. Dessa forma podem aprender a utilizar uma variedade maior de recursos interpretativos: entonação, pausas, expressões faciais, gestos... O professor pode chamar para sala de aula alguns familiares ou pessoas da comunidade que gostem de ler, recitar ou cantar para os outros. Também é possível levar pra a sala de aula gravações de pessoas lendo, cantando ou recitando.

**Gravação** - Se for possível, grave em fita cassete a leitura ou recitação dos alunos de seus textos preferidos. Esta fita pode compor o acervo da classe, ou ser um presente para alguém especial.

**Produção de um livro** \_ Seleção dos textos preferidos para a produção de uma coletânea (livro). Cada aluno pode escrever um de seus textos preferidos.

**Projetos** \_ as propostas de aprendizagem também podem ser organizadas por meio de projetos que proponham aos alunos situações comunicativas envolvendo a

leitura e escrita das adivinhas, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas ou trava-línguas. Essas propostas de trabalho podem completar todas as series, cada aluno contribuindo de acordo com suas possibilidades. Exemplos: propor a realização de:

- Um mural /painel de textos para colocar na entrada da escola;
- Um recital ou coral para pessoas da comunidade;
- Um livro de textos, para presentear alguém ou pra compor a biblioteca da classe.

Como os textos produzidos nos projetos têm um leitor real, o professor deve tomá-lo o mais legível possível, com o mínimo de erros, traduzindo a escrita dos alunos ou revisando as escritas em que só faltam algumas letras.

Os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada; além disso, dependendo de como se organizam, exigem leitura, escuta de leituras, produção de textos orais, estudo pesquisa ou outras atividades. Podem ser de curta ou média duração, envolver ou não outras áreas do conhecimento resultar em diferentes produtos: uma coletânea de textos de um mesmo gênero (poemas, contos de assombração ou de fadas etc.), um livro sobre um tema pesquisado, uma revista sobre vários temas estudados, um mural, uma cartilha sobre cuidados com a saúde, um jornal mensal, um folheto informativo, um panfleto, cartazes de divulgação de uma festa na escola, um único cartaz...(Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa/MEC, 1997).

Hoje diante da proposta construtivista é essencial o professor está trabalhando com seus alunos projetos, pois estes além de envolver os alunos fazem com que este tenha maior interesse, pois é um trabalho coletivo, onde se faz um levantamento sobre determinado assunto, depois de diagnosticar um problema, irão procurar meios para solucionar estes terão que pesquisar fundamentar-se na proposta fazendo uso de varia referencias para sanar a dificuldade encontrada.

Assim é fundamental em sua prática pedagógica o professor fazer uso das diversas estratégias de leitura e escrita e promove aos alunos a utilização de estratégias que permitam interpretar e compreender de forma autônoma, com a finalidade de ampliar conhecimentos. Para isso ocorrer o professor deve estar sempre inovando, buscando, pesquisando, ou seja, este deve ser flexível estar sempre fazendo a dialética, entre o velho e o novo para acontecer a transformação, o professor deve estar constantemente fazendo um trabalho crítico de incomodar,

perturbar, mostrar que a educação não é neutra, pois ela acontece em todo lugar seja na rua, na igreja, na escola. Portanto o professor deve fazer a práxis de maneira coletiva.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo foi realizado sob uma perspectiva construtivista e procurou aclarar o que é dificuldade no Processo de Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Mesmo antes de frequentar a escola, os alunos já possuem um repertório no que concerne a leitura e a escrita, por isso, não se pode considerar o sujeito com uma folha de papel em branco, ou seja, totalmente desprovido de conhecimento.

Atualmente, a criança é vista como um ser pensante, criativo, capaz de transformar o conhecimento de mundo, ou seja, é vista de uma maneira totalmente diferente de como era vista no passado.

Mas, autores como, Elvira, Assunção (2002) entre outros, revelam que existem causas e fatores que influenciam na dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita nas series iniciais, sendo estas causas: as organizações psicológicas, pedagógicas e socioculturais além dos fatores extraescolares que também precisam ser levados em consideração no diagnóstico de um problema de aprendizagem.

Dessa forma, as instituições escolares, num trabalho coletivo com as equipes pedagógico e psicológico além da família devem buscar estratégias que ajudem a minimizar essas dificuldades encontradas por essa clientela que tem muitos conhecimentos a serem apreendidos num processo gradativo, pois todos são capazes de aprender e cada um tem o seu tempo certo, visto que uns possuem mais facilidade que outros, mas todos são capazes de aprender, basta acreditar no potencial de cada um e propor situações reais que levem a refletir e construir novos conhecimentos a partir do que já sabem, possibilitando, dessa maneira, a interação entre professor e alunos para que aconteça efetivamente a troca de maneira positiva, favorecendo o desenvolvimento no processo da leitura e escrita.

Enfim, os poucos momentos que as crianças das series iniciais do ensino fundamental passam na escola são de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual, pois este ambiente deve ser acolhedor, estimulador e estar constantemente possibilitando a articulação para que assim possa acontecer a aprendizagem de maneira significativa e produtiva.

Portanto, através dessa pesquisa bibliográfica, percebeu-se que, para que o educador tenha sucesso na sua ação educativa, o processo deve se fundamentar numa proposta que vá de encontro às necessidades dos alunos de tal forma que estes possam se tornar inovadores constantes, pois, na sala de aula, hoje, existem seres diferentes que agem de maneira diferente, ou seja, estamos sempre em contato com a diversidade, pois a matéria prima do educador é o ser humano e este não está pronto e acabado, pelo contrário, está constantemente aprendendo. Por isso, devemos pensar acreditar, investigar ousar para que efetivamente aconteça a aprendizagem significativa que amplia verdadeiramente o conhecimento de mundo dos nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, José Elizabete, COELHO, Maria Tereza, **Problemas de Aprendizagem**. Editora Ática, São Paulo, 2002.

BECKER, Fernando. **Epistemologia do Professor**. O Cotidiano da escola. 8ª ed. Petrópolis Vozes, 2000.

BRONCKART, Jean Paul. **Le fonctionnement des discours**: um modèle psychologique et une méthode d'analyse. Lausanne: Delachaux & Niestlé. 1984.

CÓCCO, MARIA FERNANDES. **Didática de Alfabetização**: decifrar o mundo: alfabetização e Socioconstrutivismo. São Paulo: FTD, 1996.

\_\_\_\_\_. **Escrever e Ler**: como as crianças aprendem e como os professores pode ensina-las a escrever e ler. Porto Alegre: Artmed, Ed. 2000.

FERREIRO, EMILIA. **Reflexões sobre alfabetização**, Tradução Horácio Gonzáles 24ªed, São Paulo: Cortes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização em processo**. 3.ed., São Paulo: Cortes, 1993.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Artes médicas Sul, Porto Alegre, 1999.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e escrever**. ed. Sobradinho, São Paulo, 2002.

MENEGASSI, R.J. Professor e escrita: **a construção de comandos de texto**. Trabalho em Linguística Aplicada, Campinas, SP. 2003.

NASPOLINI, A.T. Didática do português: tijolo por tijolo: **leitura e produção escrita**. São Paulo: FTD, 1996.

NEGRÃO, Luciana Dias. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

Parâmetros curriculares nacionais: **1º e 2º ciclos – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF,1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acessado em: jan./2006.

PIAGET, Jean. **Coleção os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural (1973 1974).

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. São Paulo: Zaher, 1978.

SALVADOR, César Coll. **Psicologia do Ensino**.(ET,AL); tradução Cristina Maria de OLIVEIRA. Artes Médicas, Sul, Porto Alegre, 2000.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística de leitura e do aprender a ler. Porto Alegre:Artes Médicas (1971).

SMITH, A. **Leitura Significativa para o aluno**. Trad. Beatriz Affonso Neves. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento : um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Português na escola: história de uma disciplina curricular**.In:BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Português: uma proposta para o letramento**. São Paulo: Moderna, 2002b.

WEISZ, T. Emília Ferreiro: **A concepção do conhecimento**. São Paulo: Segmento Duetto, 2005. (Coleção Memória da Pedagogia, n 5).

VALLE, João. **A importância da leitura na escola**. São Paulo: Contexto. 2007, p.44.